

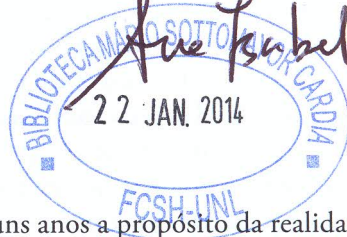
Oferta da
Ambre

Lx, 20/1/2014

A MORTE DO REI. TUMULIZAÇÃO E CERIMÓNIAS DE TRASLADAÇÃO DOS REAIS CORPOS (1499-1582)

Ana Isabel Buescu

| FCSH – Universidade Nova de Lisboa



9

Como escreveu David Howarth há alguns anos a propósito da realidade inglesa, torna-se hoje difícil entender o que significava um túmulo no século XVI, hoje que poucos entram numa igreja, e nela ninguém recebe sepultura. A Igreja, acrescenta, pouco lugar tem nas nossas vidas, e é essa uma das grandes e decisivas diferenças entre a cultura do Renascimento e a cultura de finais do século XX¹. Esta asserção, na sua aparente simplicidade, traz para primeiro plano a necessidade, por parte do historiador, quando se ocupa de tais matérias, de um esforço consciente para procurar compreender a relação com a morte, e o complexo conjunto de práticas, crenças e símbolos com ela associado, num outro tempo – neste aspecto radicalmente *outro* – como era o da sociedade europeia medieval e moderna, indelevelmente marcado pela visão cristã do homem, do mundo, do além e da morte².

O texto que se segue diz respeito a um aspecto particular dessa relação complexa. Através da análise de momentos e narrativas relativos à morte e tumulização dos reis portugueses ao longo do século XVI, com incursões pontuais noutros períodos cronológicos, procura-se reflectir de que formas, e através de que mecanismos, materiais, rituais e simbólicos, se estabelece uma relação entre a morte do rei e o poder da realeza na Época Moderna.

1. Numa escura câmara de terra

Nos primeiros dias de Dezembro, numa Lisboa em que os ares andavam carregados de pestilência, o rei D. Manuel, estando com a sua corte no paço da Ribeira, adoeceu gravemente, «de uma febre espécie de modorra, doença de que naquele tempo em Lisboa morria muita gente»³. Sempre tão cauteloso a fugir das epidemias, desta vez o rei deixava-se ficar em Lisboa. Ser-lhe-ia fatal. Adoecendo no dia 4, no dia 7 já não podia pôr a sua assi-

1 David Howarth, *Images of Rule. Art and Politics in the English Renaissance, 1485-1649*, Houndmills, London, Macmillan Press, 1997, p. 153.

2 «The facts of medieval death were largely, if not entirely, Christian facts». Paul Binski, *Medieval Death. Ritual and Representation*, London, British Museum Press, 1996, p. 9.

3 Damião de Góis, 1949-55, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, nova edição conforme a primeira de 1566, vol. IV, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1955, cap. 83.

8588

